

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
LETRAS  
LISBOA

  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# AVEIRO EM QUATROCENTOS: EVIDÊNCIAS MATERIAIS DE UM PERÍODO (AINDA) POUCO CONHECIDO JUNTO AO MOSTEIRO DE JESUS (AVEIRO, PORTUGAL)

Ricardo Costeira da Silva<sup>1</sup>, Sónia Filipe<sup>2</sup>, Paulo Morgado<sup>3</sup>

## RESUMO

Expõem-se os resultados obtidos numa intervenção arqueológica realizada na Av. Santa Joana em Aveiro, junto à antiga cerca medieval, ao Mosteiro de Jesus e ao antigo bairro das olarias desta cidade. São (ainda) pouco conhecidos os indícios de ocupação humana anterior ao século XVI em Aveiro. Apresenta-se o estudo de uma coleção de cerâmica quatrocentista, exumada em contexto selado, que contribui para aprofundar o conhecimento dos aspectos morfo-tipológicos deste material. Por outro lado, a análise do contexto do achado, proveniente da colmatação de fossas abertas directamente no substrato geológico, suscita outras questões e permite a reflexão e interpretação mais sustentada deste tipo de estruturas que têm presença regular nas intervenções urbanas realizadas nesta cidade.

**Palavras-chave:** Aveiro, Arqueologia de salvaguarda, Época medieval/moderna, Bairro das Olarias, Cerâmica.

## ABSTRACT

Here are presented the results of the archaeological intervention carried out in Av. Santa Joana in Aveiro, located next to the old medieval city fence, to the Monastery of Jesus and to the old quarter of potteries. Evidences of human occupation prior to the 16<sup>th</sup> century in Aveiro are (still) few and insufficiently known. We display the study of a set of 15<sup>th</sup> century pottery, recovered in a sealed context, which contributes to improve the knowledge of the morpho-typological aspects of this material. On the other hand, the analysis of the discovery context, corresponding the filling of open cesspits directly on the geological substrate, raises other questions and allows a more sustained reflection and interpretation of this sort of structures that are a common presence in the interventions carried out in this city.

**Keywords:** Aveiro (Portugal), Rescue Archaeology, Medieval/Modern Period, Quarter of potteries, Pottery.

## 1. INTRODUÇÃO

O conhecimento que temos acerca das origens do aglomerado urbano medieval de Aveiro é, em certa medida, nebuloso dada a escassez de fontes escritas e demais elementos histórico-arqueológicos. A vila que a partir do séc. XV se destacaria pela sua intensa actividade comercial parece ter tido uma existência muito modesta até essa altura (Silva, 1991: 13). O seu

posicionamento geográfico e estratégico junto ao mar (Morgado, 2016: 42) e na confluência de várias linhas de circulação terá contribuído significativamente para o desenvolvimento desta vila de apogeu tardio. Numa primeira fase, a partir do séc. XIV, aliado à exploração e comércio de sal ou à captura e transformação do pescado. Posteriormente, a partir do séc. XV, articulando a crescente actividade portuária com o surto comercial transforma-se numa

1. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); ricardo\_silva78@hotmail.com

2. Reitoria da Universidade de Coimbra; Gabinete para as Novas Instalações; smjfilipe@gmail.com

3. Geobiotec, Universidade de Aveiro; pmorgado@ua.pt

vila marítima e mercantil com papel relevante durante o período da expansão ultramarina. É neste seguimento, que nos inícios do século XV (1413) e por iniciativa de D. João I se inicia a construção da muralha que iria cercar a urbe (Silva, 1991: 27) e alterar o carácter da vila, individualizando o espaço intramuros (comercial e portuário) do arrabalde (mais tradicional e rural).

O território de Aveiro, nomeadamente o seu espaço urbano, não tem sido alvo privilegiado de projectos de investigação arqueológica. Esta situação é atenuada, nos últimos anos, pelos trabalhos desenvolvidos pelo antigo Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS) em torno de embarcações tardo-medievais e modernas na Ria de Aveiro (Alves *et alii*, 1998) e por pontuais trabalhos de natureza preventiva e de diagnóstico que, ainda assim, se mostram insuficientes para caracterizar com fundamento este espaço charneira entre a terra e o mar. Esta situação poderá ser um dos factores que tem contribuído para a escassez ou mesmo inexistência de registo arqueológico em Aveiro conformado em período anterior ao séc. XVI. Neste particular devemos mencionar os resultados das primeiras datações atribuídas a Ria de Aveiro A que apontam para um naufrágio ocorrido em meados do século XV (Alves *et alii*, 1998: 185). No entanto, algumas inconsistências entretanto reveladas levaram à repetição das análises por radiocarbono e a considerar-se um intervalo cronológico mais amplo, entre a segunda metade do século XV e a primeira metade do século XVII (Carvalho e Bettencourt, 2013: 742-743). De igual modo, numa pequena intervenção realizada na Rua de Homem Cristo Filho foi identificado um contexto arqueológico que se encontra delimitado entre os finais do séc. XV e as primeiras décadas do séc. XVI (Barbosa, Casimiro e Mania, 2008). Estes serão mesmo os únicos locais publicados<sup>4</sup> em Aveiro onde, ainda que com alguma margem de dúvida associada, se poderá eventualmente recuar ao séc. XV. Pelo contrário, nos últimos anos, têm-se somado intervenções que têm exposto uma significativa

4. Desconhecemos, por não se encontrarem publicadas, se outros trabalhos arqueológicos realizados no centro histórico de Aveiro possibilitaram a identificação de níveis arqueológicos anteriores ao séc. XVI, nomeadamente a intervenção realizada no âmbito da remodelação e ampliação do Museu de Aveiro – Princesa Santa Joana situado no Mosteiro de Jesus cuja fundação se reporta ao período quatrocentista.

ocupação do espaço limítrofe à muralha no séc. XVI e que demonstram uma forte ligação à actividade olárica, nomeadamente à produção de Formas de Açúcar para exportação (Morgado, 2009; Morgado e Filipe, 2009; Morgado, Silva e Filipe, 2013; Silva e Morgado, no prelo).

É neste contexto que adquire particular relevância a intervenção arqueológica recentemente concluída na Av. Sta. Joana, nas imediações do Mosteiro de Jesus e da antiga muralha de Aveiro (Figura 1), que possibilitou o reconhecimento de contextos arqueológicos selados e garantidamente datados da primeira metade do séc. XV e que aqui se dá à estampa.

## 2. A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA AV. STA. JOANA, N.º 30

Os trabalhos arqueológicos aqui retratados estabeleceram-se no seguimento do cumprimento das acções de minimização de impactes arqueológicos e patrimoniais decorrentes da execução de projecto de arquitectura de uma moradia particular na Av. Santa Joana n.º 30<sup>5</sup> (Figura 1). Para além do acompanhamento arqueológico da desconstrução do edifício existente, de cronologia contemporânea, impunha-se sondar, ao nível do subsolo, a área de construção de uma cave. A escavação arqueológica foi realizada em duas fases diferenciadas. Em 2016, numa primeira fase de diagnóstico, efectuaram-se quatro sondagens de diagnóstico. Numa segunda fase, em 2017, devido à detecção de níveis arqueológicos relevantes, procedeu-se à escavação em área da totalidade do espaço ocupado pela dita cave. No final, foi possível sondar uma área total de cerca de 85m<sup>2</sup> (9,7 x 8,7m) e identificar oito estruturas em negativo (fossas – Figura 2 e 8) de diferentes configurações e que se encontravam colmatadas por níveis diferenciados que possibilitaram, em grande parte dos casos, a recolha de abundante espólio arqueológico. A análise deste mobiliário artefactual, essencialmente cerâmico, permitiu identificar duas fases distintas de ocupação/colmatagem das fossas escavadas no substrato geológico. As fossas 1, 2 e 5 terão sido colmatadas durante a primeira metade do séc. XV. As fossas 6, 7 e 8 foram aterradas nos finais do séc. XVI / inícios do séc. XVII. As fossas 3 e 4 não forneceram elementos susceptíveis de se lhes poder atribuir uma datação.

5. Foi promotor da intervenção o Eng. Duarte da Rocha.

### 2.1. Contextos arqueológicos do séc. XV

No extremo noroeste da área intervencionada, a sondagem 1 permitiu traçar a sequência estratigráfica do local. Os níveis superficiais encontram-se associados à utilização mais recente do espaço como logradouro da habitação contemporânea. Este aterro cobria um estrato uniforme cujo espólio, composto essencialmente por Formas de Açúcar e cerâmica doméstica comum (maioritariamente formas abertas – taças), aponta para uma cronologia que deverá acerrar-se de finais do séc. XVI. Por sua vez, esta camada de época moderna, assenta no substrato geológico e sela os estratos de colmatação de duas estruturas em negativo – Fossas 1 e 2, de configuração circular (Figura 3A). Estas encontravam-se preenchidas por sedimento argiloso de onde se exumou um conjunto pouco numeroso mas singular de fragmentos cerâmicos (Figura 3B). A análise do lote cerâmico recolhido e a presença, na fossa 2, de uma numisma classificada como 1/2 real de 10 soldos de D. João I (1385-1433) permitem fixar o momento da anulação destas estruturas na primeira metade da centúria quatrocentista. Tarefa mais delicada será a de atribuir uma funcionalidade para estas estruturas. As fossas abertas directamente no substrato geológico têm sido presença constante e comum noutras intervenções urbanas realizadas nesta cidade (Morgado, Silva e Filipe, 2013; Silva e Morgado, no prelo). Embora enquadradas num período cronológico posterior (séc. XVI / XVII), tem-lhes sido conferida uma relação com a actividade oleira (tratamento, depura ou decantação do barro ou simples entulheira) por se encontrarem geralmente na proximidade geográfica com o antigo bairro das olarias. De facto, na fossa 2, foi identificado junto à base um grande nódulo de argila crua (Figura 3C) que poderá dar consistência a esta linha interpretativa. Apesar disso, a hipotética relação com a produção de cerâmica não é clara. A presença de uma grande mancha com concentração de cinzas, escórias e restos informes de ferro associada à fossa 2, revela que a sua interpretação poderá ser mais complexa. Na verdade, a esta equação deverão coligar-se todos os vestígios identificados como coetâneos deste período inicial quatrocentista. Neste caso, associamos aquilo que designámos por fossa 5 que corresponde a uma vala subrectangular (3,33m de comprimento por 0,60m de largura – Figura 2 e 4A) pouco profunda (0,15/0,20m de profundidade máxima) de onde se exumou um singelo lote cerâmico (Figura 4 B e

C) que, como veremos, se poderá adscriver àquele período cronológico. Para além do espólio cerâmico, adquire aqui maior representatividade uma tal abundância de escória de ferro que somos impelidos a apontar a presença de uma fundição local. São visíveis algumas amálgamas de cerâmica congregada com escória (Figura 4D) e identificou-se aquilo que parece ser o fragmento de uma tubeira cónica em cerâmica (Figura 4E e Figura 7 – n.º 8) e que atestam a prática de actividade metalúrgica. Apesar de não terem fornecido quaisquer elementos cerâmicos, somos tentados a relacionar as pequenas depressões que constituem as fossas 3 e 4 a uma função de apoio à redução de metal perante a igual ocorrência de escórias. Porém, os vestígios que subsistiram são insuficientes para que se possa caracterizar a natureza concreta destas estruturas associadas à prática metalúrgica. Embora não se tenham recolhido outras evidências dessa actividade, como sejam os moldes de fundição ou artefactos de metal em processo de fabrico, devemos considerar, sem grande margem de dúvida, a presença de uma área de fundição/redução de metal. Na área limítrofe, não escavada, poderá vir a encontrar-se a solução deste problema com a identificação de novas estruturas, não sendo para já de descartar a possibilidade de podermos também estar na presença de uma oficina de forja de ferreiro. O único dado certo, até ao momento, é estarmos perante contextos arqueológicos que se enquadram na primeira metade do séc. XV.

#### 2.1.1. Cerâmica quatrocentista

Dos contextos quatrocentistas referidos, nomeadamente nos níveis de colmatação das fossas 2 e 5, recolheu-se um conjunto de peças cerâmicas singulares no panorama geral da cidade de Aveiro, no que nos é dado a conhecer até ao momento.

Do conjunto destaca-se imediatamente a presença de um único fragmento em pasta rosada depurada e coberta por esmalte estanífero proveniente da fossa 2. Trata-se de um fragmento de escudela oriunda da área de influência de Valência com decoração a azul (flores e pontos) sobre branco estanífero (Figura 5 – n.º 13) cuja produção se reporta à 2ª metade do séc. XIV e primeiras décadas do séc. XV (Ruiz Gil, 1999: 268; Coll Conesa, 2009: 77-79).

Exceptuando este exemplar, o restante lote é composto por cerâmica comum torneada de superfícies foscas, onde facilmente se assinalam dois grupos de fabrico distintos. Um é composto por louça de barro

vermelho, com pastas medianamente compactas, com inclusão de elementos não plásticos de pequeno e médio calibre bem distribuídos. A sua cozedura terá ocorrido em ambiente oxidante, como se certifica pela tonalidade vermelha – alaranjada das pastas, embora se vislumbre, em algumas peças, a presença de manchas escuras na superfície exterior, fruto das alternâncias de temperatura durante esse processo. O outro grupo é formado por elementos com pastas de tonalidade acinzentada (acusando uma cozedura em ambiente redutor), pouco compactas, com inclusões de pequeno a médio calibre por vezes mal distribuídos, concedendo-lhes por vezes um aspecto muito grosseiro. Ambas as produções evidenciam a presença abundante de mica que aflora à superfície dotando-as de um brilho micáceo.

A fossa 2 forneceu maior quantidade de peças em pasta laranja-avermelhada, sendo predominante a louça de mesa face ao serviço de cozinha. Este surge apenas figurado numa sertã de lábio pendente e superfície interior polida (Figura 5 – n.º 12) e uma tampa com provável pedúnculo central (Figura 5 – n.º 9). Relativamente à louça de mesa registam-se, para o consumo de sólidos e semissólidos, os pratos com bordo espessado (Figura 5 – n.º 10 e 11) e uma pequena taça com bordo digitado (Figura 5 – n.º 8). Na ingestão de líquidos assiste-se a uma supremacia dos pucarinhos de duas asas com pé “tipo bolacha” (Figura 5 – n.º 5 e 7) face a um único exemplar de copo tulipiforme (Figura 5 – n.º 4). Poderá considerar-se aquela forma como típica dos contextos baixo-medievais, que entra em desuso a partir da 1ª metade do séc. XVI. A título de exemplo, encontra-se referenciada em Coimbra ao longo de todo o séc. XV (Silva, 2015: 273-275), em Lisboa desde a 2ª metade do séc. XII-XIII (Gomes *et alii*, 2005: 224 e fig. 10, n.º 3 e 4; Gaspar *et alii*, 2009: 657, fig. 9, n.º 5) e em Évora em níveis do séc. XIV (Teichner e Schierl, 2009: 981, fig. 4, n.º 1 e 2). Os cântaros dominam o serviço de armazenamento, transporte e serviço de líquidos. Regista-se a presença de dois modelos distintos: os cântaros de perfil globular com pé, superfícies externas polidas (por vezes com traços verticais brunidos) e bordo simples com lábio boleado (Figura 5 – n.º 1) e os cântaros com bordo de forma triangular (Figura 5 – n.º 2). As duas variantes encontram-se referenciadas em Coimbra em contextos que cruzam todo o séc. XV e prescrevem na 1ª metade do séc. XVI (Silva, 2015: 276-279). Um outro exemplar incompleto, poderá corresponder a um

cântaro (ou bilha) de colo desenvolvido (Figura 5 – n.º 3). Destaca-se ainda, a comparência de um cantil de pequenas dimensões, com corpo piriforme e asas que arrancam abaixo do bordo (Figura 5 – n.º 6).

A louça de pasta cinzenta é minoritária na fossa 2. Destaca-se, desde logo, uma panela de tipologia invulgar com bordo moldurado e asa vertical em cesto que parte do ombro e é reforçada no bordo (Figura 6 – n.º 1). Regista-se ainda a presença de um cântaro (?) com lábio triangular e aparente bico vertedor (Figura 6 – n.º 2) e uma taça com lábio plano e espessado com duas pegas laterais (Figura 6 – n.º 3).

O conjunto proveniente da fossa 5 é maioritariamente composto por peças de pasta acinzentada. Os únicos exemplares em pastas de tonalidade avermelhada correspondem a pequenas partes (bijos e fundos com pé) de cântaros de perfil globular e superfícies polidas já referidas. Neste caso, e ao contrário do lote anterior, predomina a louça de cozinha, essencialmente panelas que se encontram com as superfícies muito queimadas. O modelo dominante ostenta corpo canelado, bordo extrovertido e uma asa que arranca do bordo descarregando sobre o ombro (Figura 7 – n.º 2 a 4). Um outro modelo apresenta colo esvasado de um onde arranca uma asa, encontrando-se por vezes decorado por cintura de excisões na linha que demarca o ombro (Figura 7 – n.º 1 e 5). Foram recolhidos alguns fragmentos com cintas de aplicação plástica que deverão corresponder a grandes potes. Um dos exemplares mais completos mostra um recipiente de grandes dimensões com lábio triangular e duas asas (Figura 7 – n.º 7). Encontra-se decorado combinando os meandros incisivos, excisões e aplicação de cordão plástico digitado. Por fim, refira-se a identificação de um púcaro bastante deformado, largo, baixo e com fundo côncavo (Figura 7 – n.º 6).

Relativamente a esta coleção proveniente da fossa 5 e embora não se haja esgotado a procura de paralelos formais, há a assinalar alguma inconsistência nas escassas analogias morfológicas estabelecidas com o material conhecido de contextos teoricamente contemporâneos. Na verdade, os modelos representados (designadamente as panelas) aproximam-se mais das tipologias definidas para o período alto-medieval (séc. XI – XIII) de outros locais geograficamente próximos, nomeadamente Coimbra (Silva, 2015: 173, quadro 23). Esta questão dever-se-á aprofundar em futuros trabalhos.

## 2.2. Contextos e materiais arqueológicos posteriores (2ª metade do séc. XVI – inícios do séc. XVII)

A intervenção permitiu ainda constatar a presença de uma segunda fase de ocupação, materializada noutras três estruturas em negativo escavadas na argila sedimentar. A natureza do seu enchimento e características do espólio recolhido diferem muito das anteriores. A fossa 6, circular, e as fossas 7 e 8 de formato elipsoidal (Figuras 2 e 8) encontravam-se preenchidas por estratos que forneceram uma abundante coleção de cerâmica. A grande densidade de material cerâmico e a presença significativa de peças deformadas leva-nos a ponderar a possibilidade de se terem conformado como entulheiras na sua derradeira fase de utilização. Não dispomos de elementos que permitam refinar, com todo o rigor, a cronologia de depósito destes aterros. No entanto, tendo em conta os modelos da cerâmica de uso comum (panelas, cântaros, taças e alguidares), que surge a par com as Formas de Açúcar, com paralelo em produções locais e regionais (Alves *et alii*, 1998; Bettencourt e Carvalho, 2008; Carvalho e Bettencourt, 2013; Coelho, 2013) e a louça de mesa de fabrico fino (faianças) pode-se admitir uma formação a partir da 2ª metade do século XVI, podendo alcançar as primeiras décadas do séc. XVII.

Um dos traços comuns constatados nos estratos de condenação destas fossas reside na presença maioritária de Formas de Açúcar em detrimento de outro tipo de recipientes cerâmicos. A elevada percentagem da sua ocorrência (superior a 50%) e a presença sistemática de peças deformadas volta a pôr em evidência o papel de relevo que Aveiro assumiu no ciclo da produção açucareira como centro produtor das Formas de Açúcar, continuando a registar-se a sua ausência em contextos anteriores ao séc. XVI. Os perfis registados (Figura 9 – n.º 2 a 5) integram-se nas tipologias já definidas para este tipo de cerâmica (Morgado, 2009; Morgado, Silva e Filipe, 2013; Silva e Morgado, no prelo).

Para além da cerâmica do açúcar, assumem particular destaque as taças hemisféricas com superfície interior polida/brunida que denunciam algumas variações sobretudo ao nível do bordo que é tendencialmente boleado (Figura 10 – n.º 8 a 11); os pratos de aba soerguida e caldeira cova (Figura 10 – n.º 7); os púcaros com decoração brunida (Figura 10 – n.º 3); as taças modeladas (algumas com pintura a branco – Figura 10 – n.º 4); as panelas com bordo moldura-

do canelado (Figura 10 – n.º 5); os cântaros de bordo pendente com listas brunidas e alguns decorados com estampilhas (Figura 10 – n.º 6); as candeias de câmara aberta (Figura 9 – n.º 1) e os alguidares com bordo em gancho (Figura 10 – n.º 12). Em menor número, regista-se a cerâmica de pasta branca com revestimento vidrado plumbífero de tonalidade verde e amarelada. Este grupo surge representado maioritariamente por alguidares e alguns fragmentos de pratos, taças, tigelas e escudelas, evidenciando-se uma com duas pegas horizontais polilobadas (Figura 10 – n.º 1). Por fim, com presença muito residual, contabilizam-se alguns fragmentos de pratos, taças e escudelas em faiança lisa branca (poucos com pintura a azul cobalto) e um exemplar de prato com pintura que combina o azul-cobalto e o manganês (Figura 10 – n.º 2), naquilo que se convencionou apelidar de “Isabella Polychrome”, proveniente das oficinas sevilhanas.

## 3. NOTA FINAL

A intervenção arqueológica aqui apresentada assume particular relevância pela identificação de evidências materiais certificadamente quatrocentistas no centro histórico de Aveiro e que, ao longo dos anos, se têm encontrado omissas do registo arqueológico da cidade. A análise do conjunto cerâmico exumado nestes contextos é uma primeira contribuição para o conhecimento dos aspectos morfo-tipológicos deste tipo de material que esperamos se possa aprofundar com a multiplicação de futuros achados. Como se pode observar, a par de modelos de cântaros ou dos pucarinhos de “pé alto”, já sobejamente conhecidos noutros locais como Coimbra e Lisboa para este período, coexiste um fabrico de louça mais grosseira, de pasta acinzentada, cujos perfis mais conservadores parecem colher inspiração em peças de datação mais recuada e de tradição alto-medieval.

Ao mesmo tempo, foi possível determinar que o conjunto de fossas associadas a este período (Fossas 1, 2 e 5 – e possivelmente 3 e 4) estará provavelmente relacionado com o processamento metalúrgico. Embora os testemunhos arqueológicos subsistentes não permitam definir a natureza deste estabelecimento, o volume da ocorrência de escórias e cinzas (em conjugação com outros elementos) permite atestar a prática de uma actividade metalúrgica para redução de metal ou de uma oficina de forja de ferro.

Mais tarde, entre a 2ª metade do séc. XVI e as pri-

meiras décadas do séc. XVII, o mesmo local é palco de outras actividades produtivas. Surgem, do mesmo modo, outras fossas (6, 7 e 8) de natureza e com características distintas das anteriores mas similares a tantas outras que têm pontuado nas intervenções urbanas realizadas na cidade, nomeadamente na área outrora ocupada pelo antigo bairro das olarias (Morgado, Silva e Filipe, 2013; Silva e Morgado, no prelo). A configuração destas estruturas, a presença significativa de cerâmica deformada entre os conjuntos exumados, a constituição argilosa do substrato geológico onde foram abertas e a sua implantação no seio de uma área de produção intensiva de cerâmica levam-nos a sugerir uma possível relação com a actividade oleira, não se encontrando, porém, ainda determinada a sua função ou funções específicas - tratamento, depura ou decantação do barro ou simples entulheiras?

No entanto, o seu enquadramento cronológico - na transição do séc. XVI para o XVII - coloca-nos outra interrogação. De facto, esta datação entra em confronto com as fontes escritas que apontam para que o bairro oleiro primitivo medieval, na sua origem localizado no interior do espaço amuralhado, junto ao sítio onde, em 1462, se iria instalar o Mosteiro de Jesus (Neves, 2009: 125-126) tenha sido transferido para o exterior da cerca urbana e para a zona sul da cidade (Gaspar, 1997: 143-144) em consequência desta edificação e da pressão exercida pelas freiras daquele mosteiro. Não era portanto expectável que, em momento já avançado, se pudesse testemunhar a prática activa de produção cerâmica em espaço intramuros. Esta e outras interrogações coligidas por esta intervenção vão de encontro com a natureza intrínseca deste tipo de intervenções em espaço urbano, susceptível de despoletar novas incógnitas. Em todo o caso, os resultados obtidos deverão ser vistos como parte de um processo inacabado e de tentativa de recuperação de memória das gentes e da singular ocupação de Aveiro.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, Francisco; RODRIGUES, P.; GARCIA, Catarina; ALELUIA, Miguel (1998), – “A cerâmica dos destroços do navio de meados do século XV Ria de Aveiro A e da zona de Ria de Aveiro B. Aproximação tipológica preliminar.” *Actas das 2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, pp. 185-210.

BARBOSA, Teresa; CASIMIRO, Tânia; MANAIA, Rodolfo (2008) – “A late 15<sup>th</sup> century household pottery group from Aveiro (Portugal)”, *Medieval Ceramics*, 30, London, pp. 119-138.

BETTENCOURT, José; CARVALHO, Patrícia (2008) – “A carga do navio Ria de Aveiro A (Ílhavo, Portugal): uma aproximação preliminar ao seu significado histórico-cultural”, *Cuadernos de Estudios Borjanos*. Borja. L-LI, pp. 257-287.

CARVALHO, Patrícia; BETTENCOURT, José (2013) – “De Aveiro para as Margens do Atlântico – a carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na época Moderna”, in *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 2, CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa, pp. 733-746.

COELHO, Inês P. (2013) – “Muito mais do que lixo – a cerâmica do sítio arqueológico subaquático Ria de Aveiro B-C”, in *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 2, CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa, pp. 757-770.

COLL CONESA, J. (2009) – *La cerámica Valenciana. Apuntes para una síntesis*, Valencia.

GASPAR, Alexandra; GOMES, Ana; MENDES, Henrique; PINTO, Paula; GUERRA, Sandra; RIBEIRO, Susana; PIMENTA, João; VALONGO, António (2009) – “Cerâmicas do século XV-XVI da Casa do Governador – Castelo de S. Jorge, Lisboa”. *Actas del VIII Congreso Internacional de Cerâmica Medieval*. Ciudad Real-Almagro. Tomo II, pp. 653-672.

GASPAR, J. G. (1997) – “Aveiro na História”, in *Aveiro. Aparentamentos Históricos*. Aveiro, Câmara Municipal de Aveiro.

GOMES, A.; GASPAR, A.; GUERRA, S.; CALÉ, H.; RIBEIRO, S.; PINTO, P.; VALONGO, A.; PIMENTA, J. (2005) – “Cerâmicas medievais de Lisboa – continuidades e rupturas”. In BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina – *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (sécs. VIII a XIII)*, Palmela: Câmara Municipal e FLUP, pp. 221-236.

MORGADO, Paulo (2009) – “A Cerâmica do Açúcar em Aveiro na Época Moderna”, *Patrimónios*, Série II, n.º 7, Aveiro, pp. 117-142.

MORGADO, Paulo (2016) – “A evolução geomorfológica, a ria de Aveiro, as pessoas e a história”, in *Quintas da Ria – Contributos sobre a proteção, valorização e gestão da Ria de Aveiro*. Universidade de Aveiro: UA Editora, pp. 37-45.

MORGADO, Paulo e FILIPE, Sónia (2009) – “O testemunho do passar do tempo e do Homem no registo arqueológico de Aveiro”. In *História de Aveiro. Síntese e Perspectivas*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, pp. 47-68.

MORGADO, Paulo; SILVA, Ricardo C. e FILIPE, Sónia (2013) – “A cerâmica do açúcar de Aveiro: recentes achados na área do antigo bairro das Olarias”, in *Velhos e Novos Mundos – Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. 2, CHAM/FCSH da Universidade Nova de Lisboa, pp. 771-782.

NEVES, Amaro (2009) – “A assistência e as suas Instituições. A fome, a peste e a guerra”. In *História de Aveiro. Síntese e Perspectivas*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro, pp. 117-126.

RUIZ GIL, José Antonio (1999) – *Arqueología en la Bahía de Cádiz durante la Edad Moderna*. Tesis Doctoral. Universidad de Huelva. Disponible en <http://hdl.handle.net/10272/2733>.

SILVA, Maria J. V. Marques da (1991) – *Aveiro Medieval*. Aveiro: Câmara Municipal de Aveiro.

SILVA, Ricardo Costeira (2015) – *O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de castelo Branco*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Policopiado.

SILVA, Ricardo Costeira; MORGADO, Paulo (no prelo) – “As Formas de Açúcar de Aveiro (Portugal): Estado Actual da Investigação”. Revista AMC – *Arqueologia Moderna e Contemporânea*, n.º 2. Funchal: CEAM – Centro Estudos de Arqueologia Moderna Contemporânea.

TEICHNER, Felix; SCHIERL, Thomas (2009) – “A olaria medieval da Porta da Lagoa em Évora (Alto Alentejo, Portugal)”. *Actas do VIII Congreso Internacional de Cerámica Medieval en el Mediterráneo*. Ciudad Real – Almagro, tomo II, pp. 975-986.

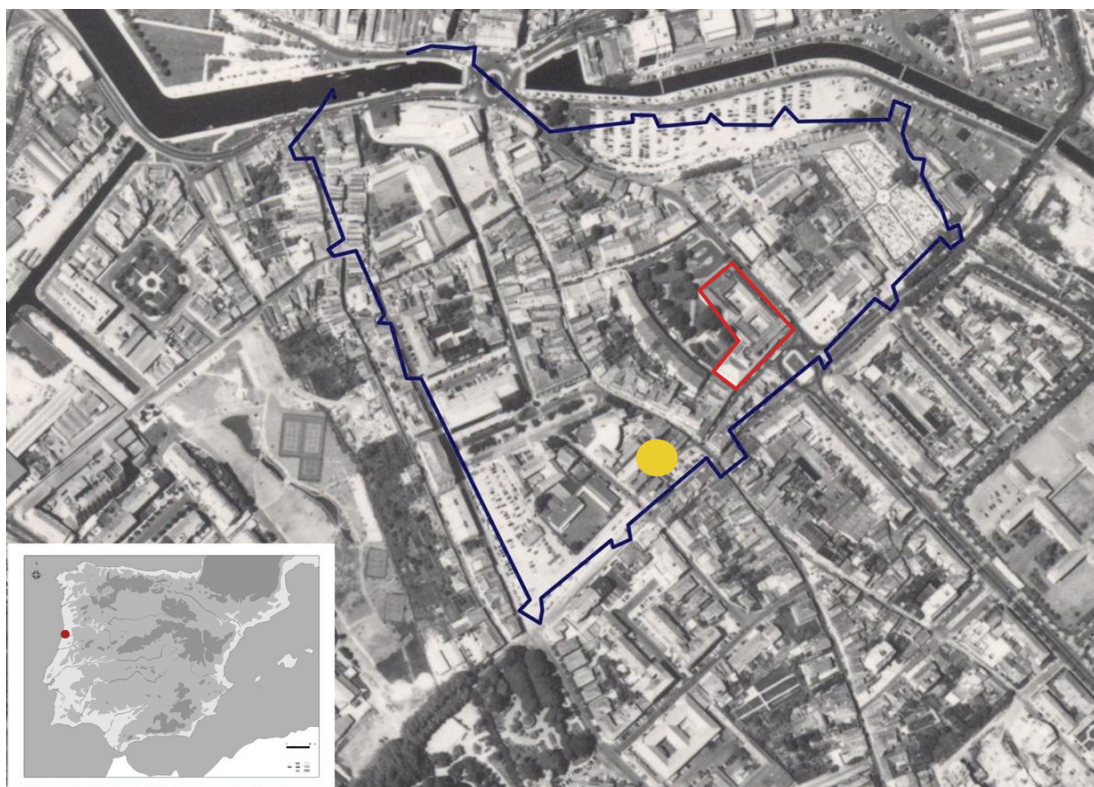


Figura 1 – Vista aérea de Aveiro com demarcação do suposto traçado da muralha da cidade, localização do empreendimento (a amarelo) e do Mosteiro de Jesus (a vermelho).

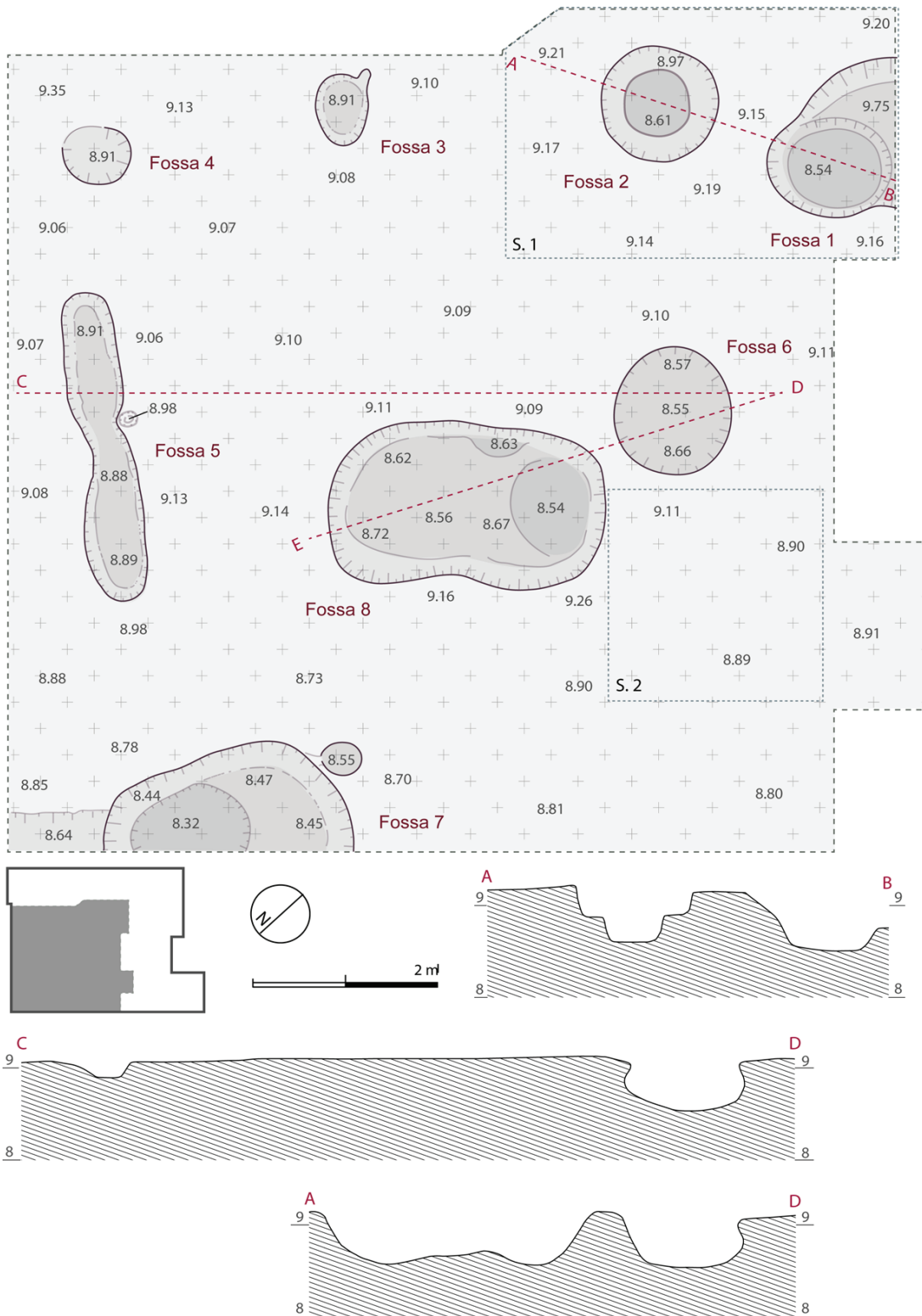


Figura 2 – Planta geral da área intervencionada com identificação e cortes das estruturas. (Desenho de Sara Almeida).



Figura 3 – A: Plano final da sondagem 1: Fossas 1 e 2. B e C: Planos da escavação da fossa 2.



Figura 4 – A: Fossa 5; B e C: Cerâmica proveniente da fossa 5; D: Amalgama de cerâmica congregada com escória; E: Tubeira cônica em cerâmica.

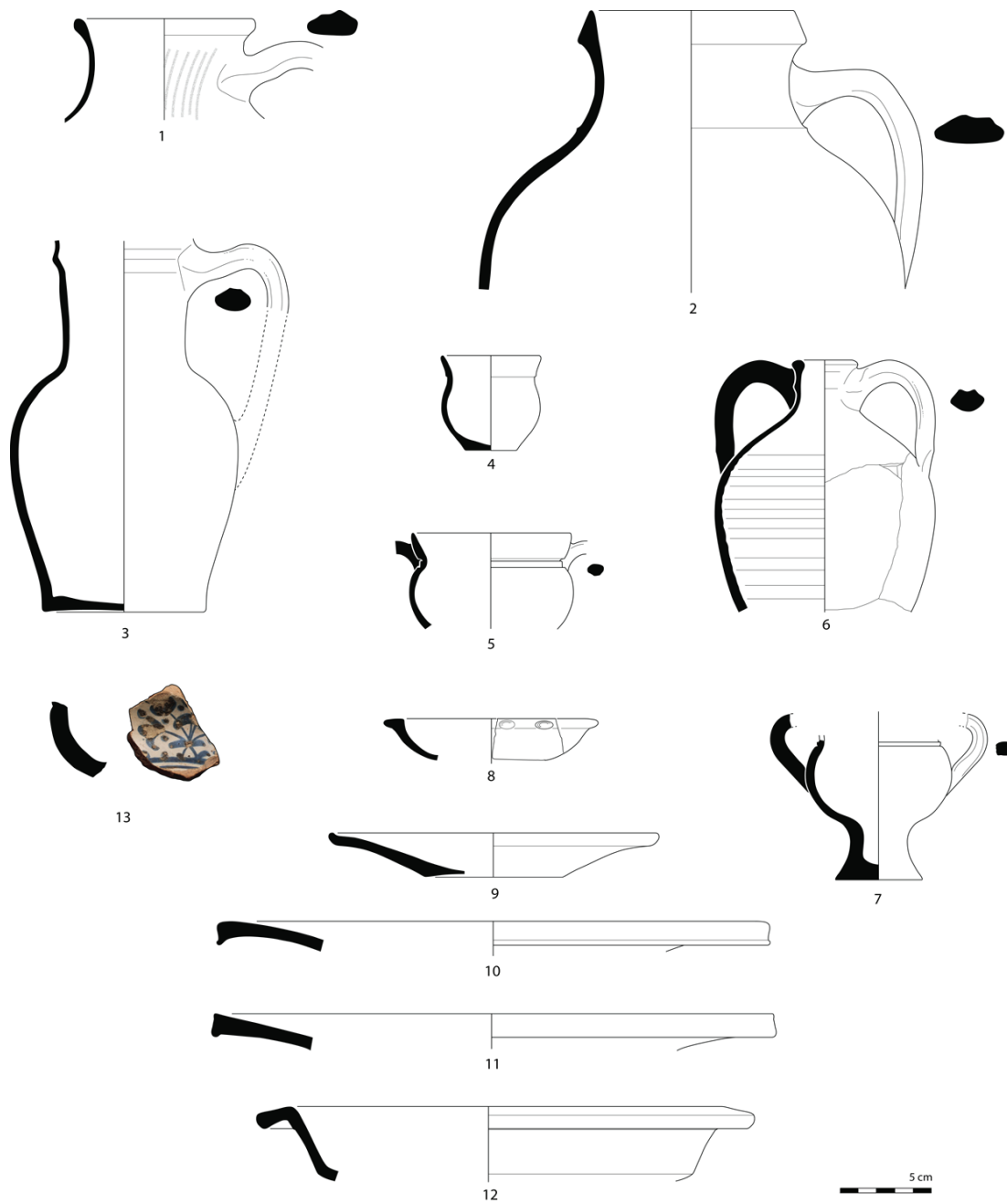


Figura 5 – Cerâmica doméstica comum de pastas vermelhas (n.º 1 a 12) e cerâmica valenciana (n.º 13) proveniente da fossa 2. (Desenhos de Sara Almeida).

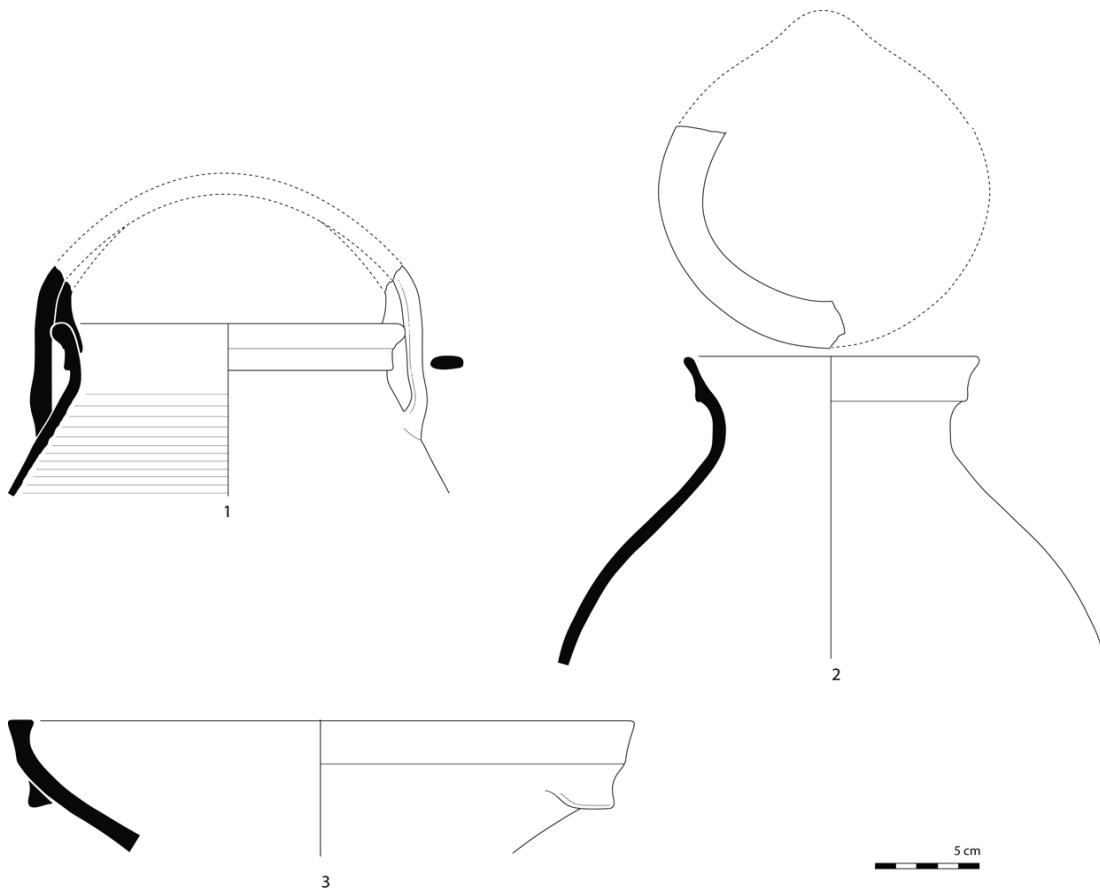


Figura 6 – Cerâmica doméstica comum de pastas cinzentas proveniente da fossa 2. (Desenhos de Sara Almeida).

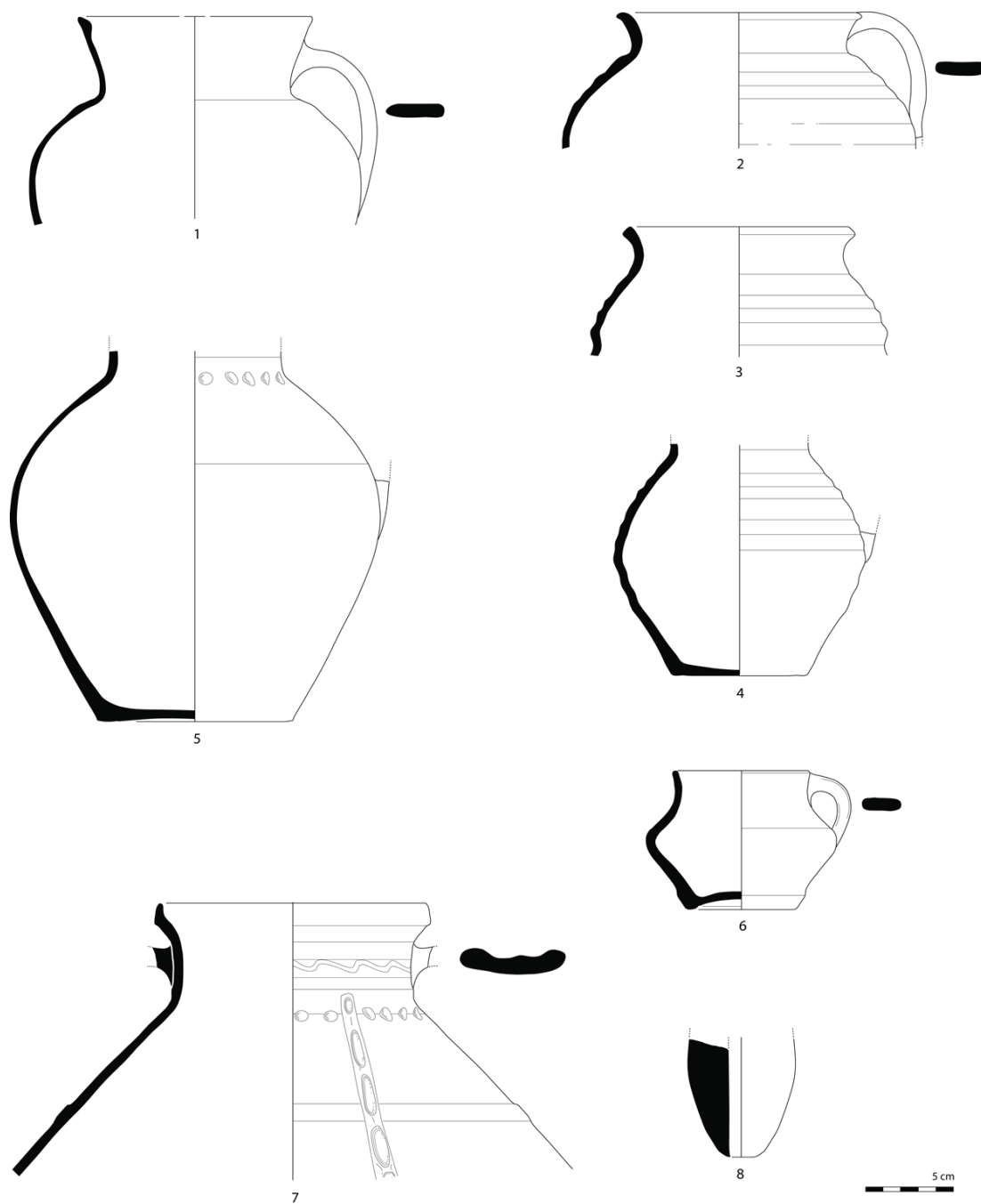


Figura 7 – Cerâmica doméstica comum proveniente da fossa 5. (Desenhos de Sara Almeida).

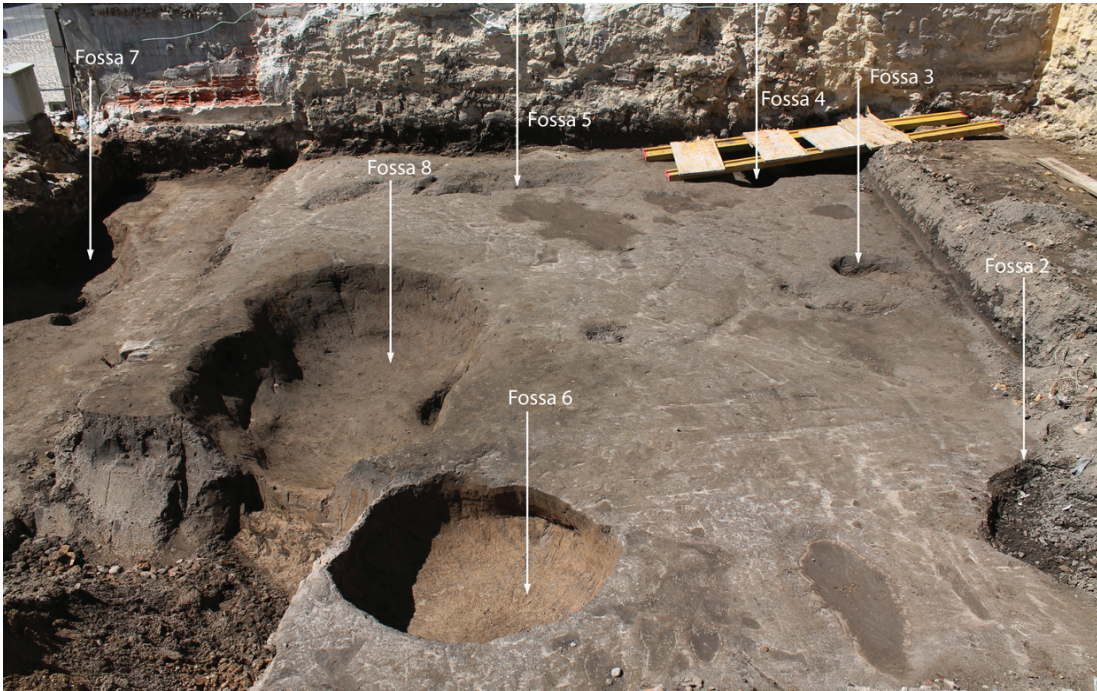


Figura 8 – Vista geral da área intervencionada.

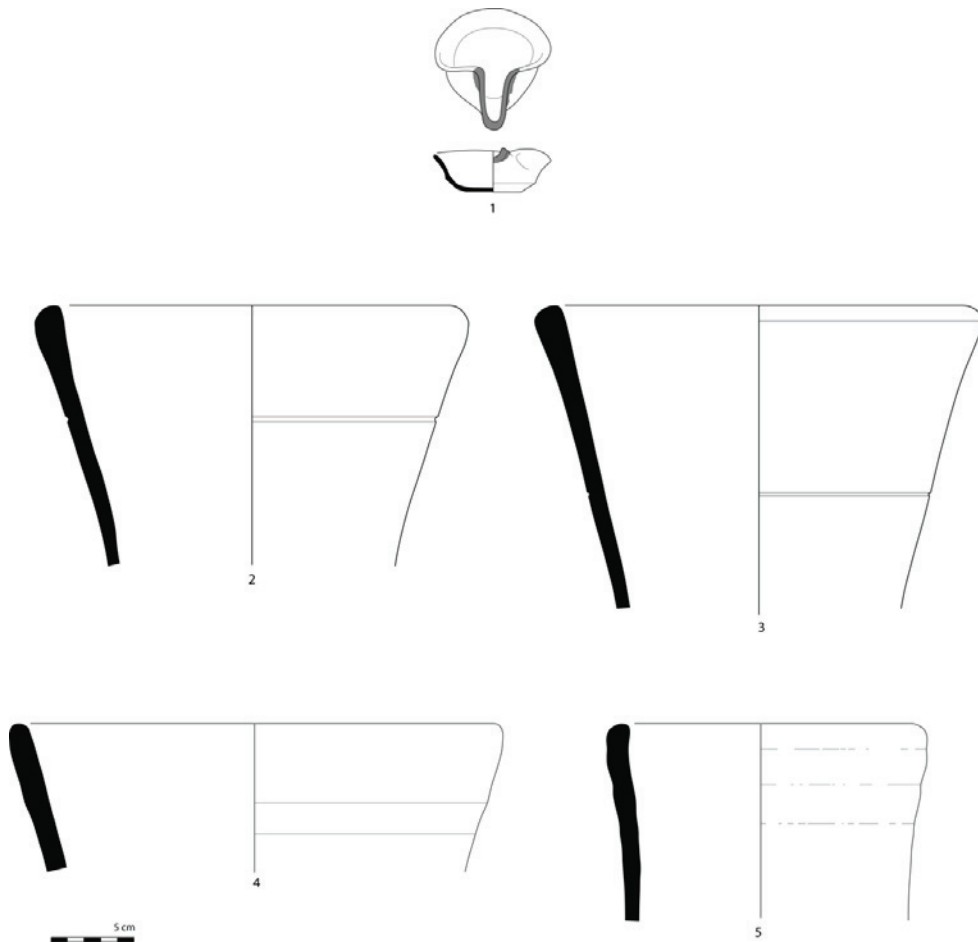


Figura 9 – Cerâmica dos contextos de finais do séc. XVI / inícios do séc. XVII. (Desenhos de Sara Almeida).

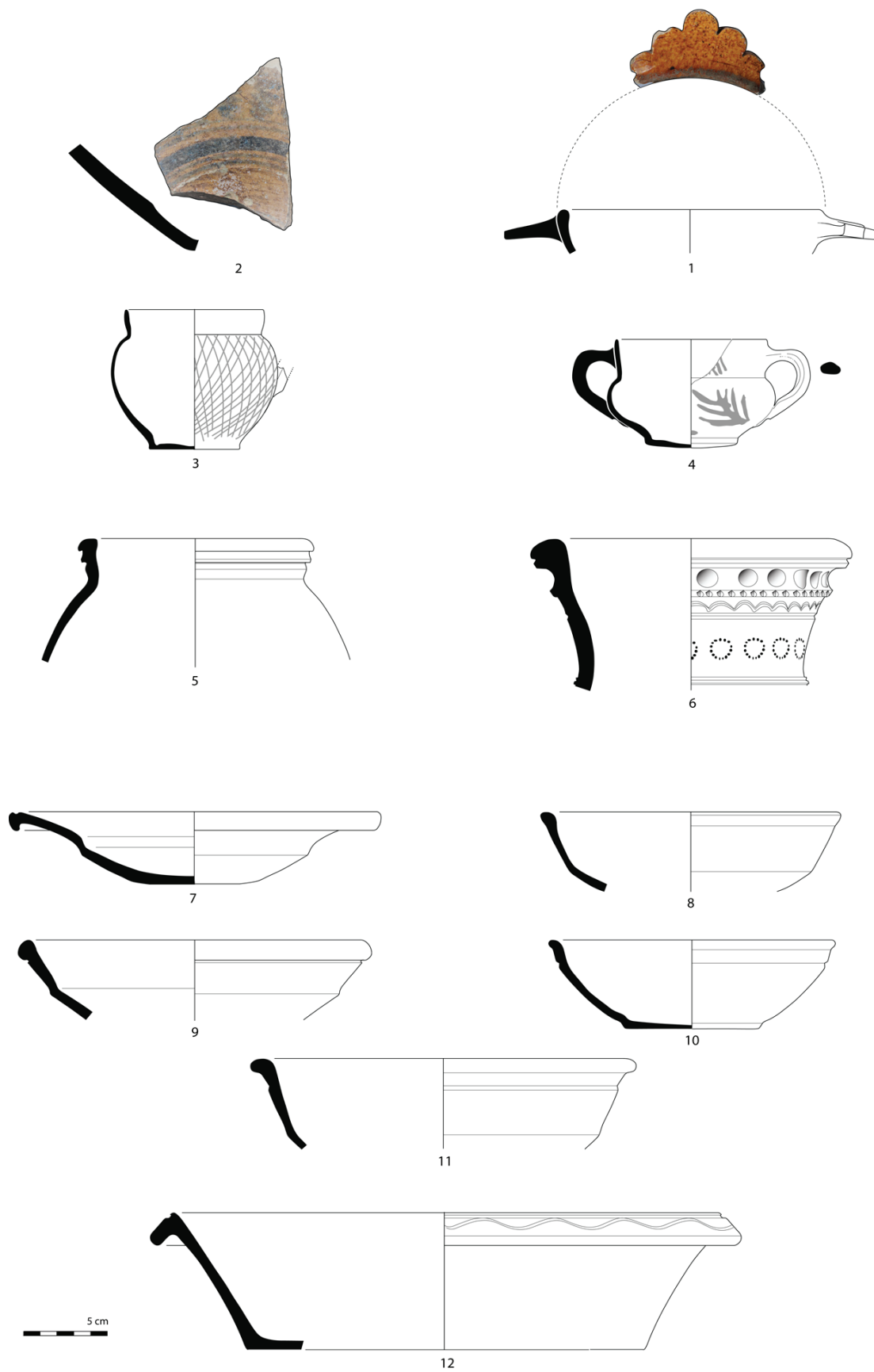
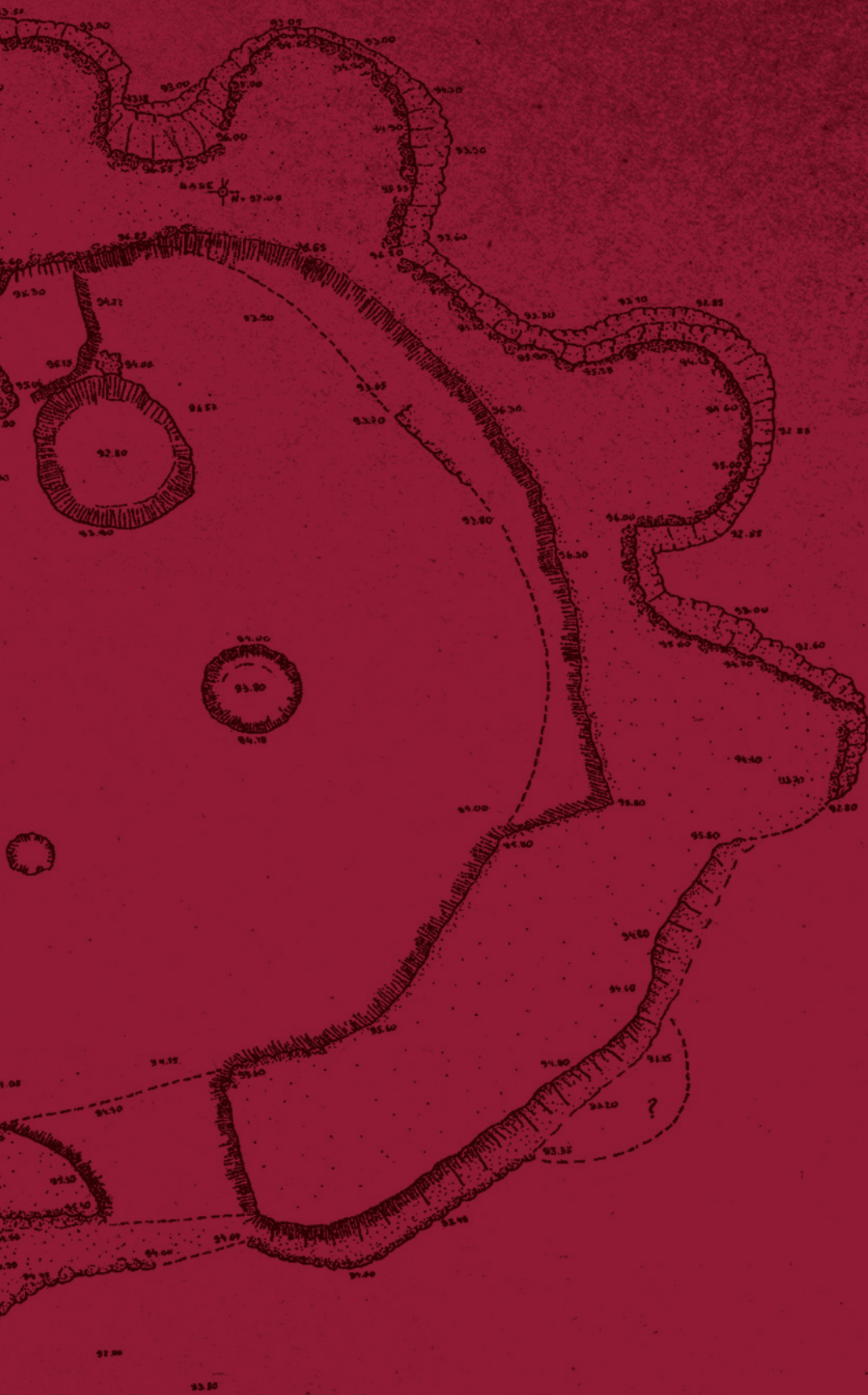


Figura 10 – Cerâmica dos contextos de finais do séc. XVI / inícios do séc. XVII. (Desenhos de Sara Almeida).



Patrocinador oficial